

O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA FERIDA NOS CONTOS DE FADAS: PERDAS, ABANDONO E SUPERAÇÃO**THE ARCHETYPE OF THE WOUNDED CHILD IN FAIRY TALES: LOSS, ABANDONMENT, AND OVERCOMING ADVERSITY** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-029>**Marcelly Mesquita**

Profa. Dra.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7595965934736130>**Resumo**

Os contos de fadas apresentam, de forma recorrente, personagens infantis submetidos a experiências de abandono, rejeição, perdas e sofrimento. Sob a perspectiva da Psicologia Analítica, essas narrativas expressam simbolicamente o arquétipo da criança ferida, representando conflitos universais relacionados à vulnerabilidade, ao desenvolvimento da personalidade e à superação do sofrimento psíquico. O presente artigo tem como objetivo analisar a manifestação desse arquétipo nos contos de fadas clássicos, discutindo como experiências de perda e abandono contribuem para os processos de transformação psicológica e amadurecimento. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições de Jung, Bettelheim, Hillman, Von Franz, Estés, Alice Miller e Marion Woodman. Conclui-se que as narrativas maravilhosas transformam a dor da infância em um percurso simbólico de crescimento e individuação, oferecendo modelos psicológicos de resiliência, integração e desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Arquétipos; Contos de fadas; Criança ferida; Desenvolvimento da personalidade; Individuação.

Abstract

Fairy tales recurrently portray child characters who experience abandonment, rejection, loss, and suffering. From the perspective of Analytical Psychology, these narratives symbolically express the archetype of the wounded child, representing universal conflicts related to vulnerability, personality development, and the overcoming of psychological suffering. This article aims to analyze the manifestation of this archetype in classic fairy tales, discussing how experiences of loss and abandonment contribute to processes of psychological transformation and maturation. The study is based on the contributions of Jung, Bettelheim, Hillman, Von Franz, Estés, Alice Miller, and Marion Woodman. It concludes that fairy-tale narratives

transform the pain of childhood into a symbolic journey of growth and individuation, offering psychological models of resilience, integration, and human development.

Keywords: Archetypes; Fairy Tales; Individuation; Personality Development; Wounded Child.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são povoados por crianças órfãs, abandonadas, rejeitadas, perseguidas ou submetidas a diferentes formas de sofrimento. Personagens como Cinderela, João e Maria, Branca de Neve e O Patinho Feio compartilham uma experiência inicial marcada pela perda, pela exclusão e pela vulnerabilidade. Embora essas narrativas sejam frequentemente associadas ao universo infantil, suas imagens simbólicas ultrapassam o entretenimento e refletem conflitos psicológicos profundos que acompanham o desenvolvimento humano. Ao retratarem o abandono, a rejeição e a solidão, os contos de fadas dão forma narrativa a experiências emocionais universais que fazem parte da constituição da personalidade e da busca por pertencimento.

A recorrência dessas histórias ao longo dos séculos sugere que elas abordam aspectos fundamentais da condição humana. Os protagonistas infantis geralmente começam suas jornadas em situações de fragilidade extrema: são órfãos, negligenciados, rejeitados por figuras parentais ou privados de afeto e proteção. No entanto, essas condições não representam apenas circunstâncias biográficas dos personagens, mas expressam simbolicamente processos psicológicos presentes no desenvolvimento de qualquer indivíduo. Por meio dessas narrativas, experiências de perda e sofrimento transformam-se em imagens capazes de comunicar sentimentos profundos relacionados ao medo do abandono, à necessidade de reconhecimento e ao desejo de encontrar um lugar no mundo.

Segundo Jung (2014), os arquétipos constituem estruturas universais do inconsciente coletivo que organizam a experiência humana por meio de imagens recorrentes. Entre essas configurações destaca-se o arquétipo da criança, considerado uma das mais importantes expressões do potencial humano. A criança simboliza simultaneamente o início, a renovação, a possibilidade de transformação e o futuro. Ela representa aquilo que ainda está em desenvolvimento, mas também aquilo que possui capacidade de crescimento e regeneração. Quando essa figura aparece ferida, abandonada ou rejeitada, emerge uma representação simbólica de experiências emocionais relacionadas à fragilidade, à dependência, à solidão e à necessidade de cuidado.

Jung (2013) observa que a criança arquetípica possui um caráter paradoxal. Ao mesmo tempo em que se apresenta frágil e desprotegida, também carrega uma força transformadora capaz de superar adversidades e promover renovação psicológica. Essa dualidade está presente em inúmeros contos de fadas, nos quais personagens inicialmente vulneráveis tornam-se protagonistas de processos de crescimento e

superação. Assim, a criança ferida não simboliza apenas sofrimento, mas também a possibilidade de desenvolvimento e de reconstrução da personalidade diante das experiências difíceis da vida.

Hillman (1997) amplia essa compreensão ao afirmar que a infância possui uma dimensão simbólica que ultrapassa os acontecimentos concretos da biografia individual. Para o autor, a criança interior preserva aspectos essenciais da alma humana, funcionando como uma imagem que acompanha o indivíduo ao longo de toda a existência. Dessa maneira, os contos de fadas permitem visualizar conflitos relacionados não apenas à infância cronológica, mas também às feridas emocionais que permanecem presentes na vida adulta. Os personagens infantis representam dimensões vulneráveis da psique que buscam reconhecimento, acolhimento e integração.

Nesse contexto, os contos de fadas transformam a dor em narrativa e o sofrimento em possibilidade de crescimento. Ao retratarem personagens que enfrentam abandono, perdas e adversidades, oferecem modelos simbólicos para compreender os desafios da infância e os caminhos da superação psicológica. Conforme destaca Bettelheim (2021), essas histórias auxiliam na elaboração de medos profundos e permitem que experiências difíceis sejam simbolicamente compreendidas e integradas. Assim, a jornada da criança ferida deixa de representar apenas uma experiência de sofrimento e passa a simbolizar um percurso de amadurecimento, resiliência e transformação.

Dessa forma, o arquétipo da criança ferida ocupa posição central nos contos de fadas porque expressa um dos conflitos mais universais da experiência humana: a necessidade de transformar a dor em crescimento e a vulnerabilidade em força interior. Ao narrar trajetórias de abandono, perda e superação, essas histórias revelam que o desenvolvimento psicológico não ocorre apesar das dificuldades, mas frequentemente por meio delas. Por essa razão, permanecem atuais e significativas, oferecendo importantes reflexões sobre a construção da identidade, o amadurecimento emocional e a busca pela integração da personalidade.

2 O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Para Jung (2013), o arquétipo da criança ocupa uma posição central na compreensão da vida psíquica, pois representa simultaneamente o início do desenvolvimento humano e o potencial de transformação presente em toda existência. Diferentemente de uma simples representação da infância cronológica, a criança arquetípica simboliza aquilo que está em processo de formação, crescimento e realização. Ela expressa a possibilidade de renovação, de surgimento do novo e de continuidade da vida psíquica. Em mitos, sonhos e contos de fadas, essa figura frequentemente surge em situações de vulnerabilidade, abandono ou ameaça, refletindo a fragilidade inerente à condição humana e os desafios que acompanham o processo de desenvolvimento da personalidade.

Segundo Jung (2014), a criança arquetípica possui um caráter paradoxal. Ao mesmo tempo em que aparece pequena, dependente e desprotegida, carrega em si uma força transformadora extraordinária. Em inúmeras narrativas tradicionais, a criança sobrevive a perigos, perseguições e tentativas de destruição, revelando a existência de um impulso psíquico voltado para a preservação e o crescimento. Essa dualidade demonstra que a fragilidade e a potência coexistem na mesma imagem simbólica. Assim, a criança representa não apenas a vulnerabilidade, mas também a capacidade humana de renovação, desenvolvimento e superação diante das adversidades.

A criança arquetípica simboliza aspectos da personalidade relacionados à espontaneidade, criatividade, autenticidade e possibilidade de futuro. Ela representa aquilo que permanece vivo e em desenvolvimento dentro de cada indivíduo, independentemente da idade cronológica. Quando essa figura aparece ferida, rejeitada ou abandonada, passa a expressar conteúdos psíquicos associados ao sofrimento emocional, à sensação de desamparo, à insegurança afetiva e aos sentimentos de exclusão vivenciados ao longo da vida. Nessas circunstâncias, o arquétipo da criança ferida torna-se uma representação simbólica das experiências que ameaçam o desenvolvimento saudável da personalidade e deixam marcas profundas na construção da identidade.

Hillman (1997) observa que a infância possui uma dimensão simbólica que ultrapassa os acontecimentos concretos vividos por cada pessoa. Para o autor, a criança interior representa uma realidade psíquica permanente, capaz de influenciar decisões, relacionamentos e modos de compreender o mundo. Nesse sentido, o arquétipo da criança não permanece restrito ao passado, mas continua atuando ao longo de toda a vida adulta. As experiências de abandono, perda ou rejeição vividas na infância podem permanecer simbolicamente ativas, influenciando a maneira como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com os outros. Por essa razão, compreender a criança interior significa compreender aspectos essenciais da própria identidade.

Os contos de fadas revelam justamente essa dimensão simbólica da infância ao representar, por meio de personagens infantis, conflitos universais relacionados à formação da personalidade. Crianças órfãs, abandonadas ou rejeitadas aparecem repetidamente nessas narrativas porque expressam experiências psicológicas compartilhadas por diferentes culturas e épocas. A criança ferida dos contos simboliza a parte vulnerável da psique humana que busca proteção, reconhecimento e pertencimento. Contudo, essas histórias também demonstram que a fragilidade não constitui um destino definitivo. Ao longo das narrativas, os protagonistas desenvolvem recursos internos, encontram aliados e descobrem capacidades que lhes permitem superar adversidades e transformar sofrimento em crescimento.

Sob a perspectiva da Psicologia Analítica, o arquétipo da criança ferida pode ser compreendido como uma das imagens mais importantes do processo de individuação. As experiências de dor, abandono e rejeição frequentemente funcionam como forças que impulsionam o desenvolvimento psicológico, levando

o indivíduo a buscar novas formas de compreender a si mesmo e ao mundo. A ferida emocional torna-se, paradoxalmente, um elemento de transformação. Por essa razão, os contos de fadas apresentam a criança não apenas como vítima das circunstâncias, mas como protagonista de um percurso de amadurecimento e superação.

Dessa forma, o arquétipo da criança na Psicologia Analítica representa muito mais do que a infância em seu sentido biográfico. Ele simboliza o potencial humano de crescimento, renovação e transformação. Quando aparece ferido, expressa experiências de sofrimento emocional profundamente humanas; quando supera os desafios que encontra, revela a capacidade da psique de transformar dor em aprendizado e vulnerabilidade em força interior. Nos contos de fadas, essa dinâmica torna-se visível por meio de narrativas que oferecem uma reflexão profunda sobre a construção da identidade, o amadurecimento emocional e a busca pela totalidade da personalidade.

3 PERDAS E ABANDONO NOS CONTOS DE FADAS

A temática do abandono aparece de forma recorrente nos contos de fadas clássicos e constitui uma das experiências centrais vividas por muitos protagonistas. Em *João e Maria*, as crianças são deixadas sozinhas na floresta; em *Branca de Neve*, a protagonista torna-se alvo da rejeição e da perseguição da madrasta; em *Cinderela*, a heroína enfrenta negligência afetiva, solidão e humilhação dentro do próprio lar; enquanto em *O Patinho Feio* a exclusão e o sentimento de não pertencimento acompanham toda a trajetória do personagem. Essas situações não devem ser compreendidas apenas como eventos necessários ao desenvolvimento da trama, mas como representações simbólicas de experiências emocionais universais relacionadas à perda do acolhimento, à rejeição e ao sentimento de abandono.

Do ponto de vista psicológico, esses personagens expressam conflitos que fazem parte da experiência humana desde a infância. A sensação de não ser amado, de não ser visto ou de não encontrar um lugar de pertencimento constitui uma das vivências emocionais mais profundas da condição humana. Os contos de fadas transformam essas emoções em imagens concretas e facilmente reconhecíveis, permitindo que questões relacionadas à vulnerabilidade afetiva sejam representadas simbolicamente. Nesse sentido, a criança abandonada dos contos não representa apenas um indivíduo específico, mas uma dimensão universal da psique que teme a perda do amor, da proteção e da aceitação.

Em *João e Maria*, por exemplo, o abandono na floresta simboliza uma ruptura abrupta com a segurança infantil. As crianças são forçadas a enfrentar o desconhecido sem a proteção dos pais, situação que representa simbolicamente o confronto com sentimentos de desamparo e insegurança. Contudo, é justamente nesse contexto de extrema vulnerabilidade que os protagonistas descobrem recursos internos capazes de garantir sua sobrevivência. A narrativa sugere que experiências dolorosas podem favorecer o

desenvolvimento da autonomia e da capacidade de enfrentar adversidades. Assim, a floresta torna-se simultaneamente um espaço de sofrimento e de transformação.

De maneira semelhante, *Branca de Neve* apresenta a figura da rejeição por meio da madrasta, personagem que representa a privação afetiva, a rivalidade e a ameaça ao sentimento de valor pessoal. A perseguição sofrida pela protagonista simboliza o medo de ser rejeitada por aqueles de quem se espera amor e proteção. Já em *Cinderela*, as humilhações e a negligência vividas no ambiente doméstico refletem experiências de invisibilidade emocional e falta de reconhecimento. Apesar dessas circunstâncias adversas, ambas as personagens preservam aspectos positivos de sua personalidade e encontram caminhos de transformação que lhes permitem superar a condição inicial de sofrimento.

O conto *O Patinho Feio* talvez constitua uma das mais claras representações simbólicas da criança ferida. O protagonista não é rejeitado por suas ações, mas simplesmente por ser diferente. Sua trajetória evidencia sentimentos de inadequação, exclusão e solidão frequentemente presentes no desenvolvimento da identidade. A narrativa demonstra que a dor do não pertencimento pode gerar profundo sofrimento emocional, mas também pode impulsionar a busca por autoconhecimento. Quando o personagem descobre sua verdadeira natureza, compreende que seu valor não depende da aceitação daqueles que o rejeitaram. Trata-se de uma poderosa metáfora da construção da autoestima e do encontro com a própria identidade.

Bettelheim (2021) afirma que os contos de fadas permitem às crianças elaborar medos profundos relacionados à rejeição e à perda do amor parental. Ao projetarem essas angústias em personagens fictícios, os leitores encontram formas simbólicas de compreender sentimentos que muitas vezes não conseguem expressar diretamente. A narrativa oferece uma estrutura psicológica na qual o sofrimento inicial não constitui um destino permanente, mas uma etapa necessária para o desenvolvimento. Os protagonistas sofrem, enfrentam desafios e experimentam perdas, mas também encontram oportunidades de crescimento e transformação.

Além disso, os contos de fadas demonstram que o abandono raramente representa o ponto final da trajetória dos personagens. Pelo contrário, funciona como um elemento desencadeador de mudanças significativas. A ausência de proteção obriga os protagonistas a desenvolverem autonomia, coragem e recursos internos que anteriormente permaneciam adormecidos. Sob essa perspectiva, a perda assume uma função paradoxal: embora provoque sofrimento, também impulsiona processos de amadurecimento psicológico. As narrativas sugerem que o ser humano frequentemente descobre suas maiores forças exatamente nos momentos de maior fragilidade.

Miller (2018) destaca que muitas feridas emocionais da infância permanecem ocultas ao longo da vida adulta, influenciando relacionamentos, escolhas e formas de perceber a si mesmo. Sentimentos de rejeição, negligência ou falta de reconhecimento podem continuar atuando inconscientemente durante décadas. Nesse sentido, os contos de fadas revelam simbolicamente aquilo que a experiência emocional

frequentemente tenta ocultar: a dor da exclusão, da rejeição e da ausência de acolhimento afetivo. Ao transformar essas vivências em histórias, as narrativas tornam possível reconhecer e elaborar conteúdos emocionais que, de outra forma, permaneceriam reprimidos.

Dessa forma, as histórias de abandono presentes nos contos de fadas não devem ser interpretadas apenas como relatos de sofrimento, mas como representações simbólicas dos desafios envolvidos na construção da personalidade. A criança ferida emerge como uma figura que simboliza tanto a vulnerabilidade quanto a capacidade de superação. Ao acompanhar a trajetória desses personagens, o leitor entra em contato com aspectos profundos da experiência humana e percebe que a dor, embora inevitável, pode transformar-se em fonte de crescimento, fortalecimento e amadurecimento. Por essa razão, os contos de fadas continuam sendo poderosas narrativas sobre resiliência, identidade e transformação psicológica.

4 A FLORESTA COMO ESPAÇO DA CRIANÇA FERIDA

Nos contos de fadas, a criança ferida frequentemente é lançada em espaços desconhecidos, especialmente na floresta. Para Von Franz (2005), a floresta simboliza o inconsciente e os territórios ainda não explorados da psique, constituindo um cenário privilegiado para representar os processos de transformação interior. Quando crianças abandonadas atravessam esse ambiente, não estão apenas percorrendo um espaço físico, mas iniciando uma jornada de confronto com aspectos profundos de sua própria condição emocional. A floresta surge como um território de transição entre a fragilidade inicial e a possibilidade de amadurecimento, funcionando como uma metáfora das experiências psicológicas que acompanham o enfrentamento da dor e da vulnerabilidade.

Em muitas narrativas tradicionais, a entrada na floresta ocorre justamente após uma experiência de perda, rejeição ou abandono. João e Maria são deixados pelos pais em meio às árvores; crianças órfãs perdem suas referências de proteção; jovens protagonistas afastam-se de suas casas e são obrigados a enfrentar o desconhecido. Sob uma perspectiva simbólica, esse afastamento representa o rompimento das estruturas de segurança que sustentavam a identidade infantil. A floresta passa a simbolizar o espaço onde a criança precisa encontrar dentro de si recursos que anteriormente dependiam da presença protetora dos adultos. Dessa forma, o abandono funciona como um desencadeador de processos de crescimento e transformação psicológica.

A floresta representa o momento em que as estruturas protetoras desaparecem e o indivíduo é confrontado com sentimentos de solidão, medo e insegurança. Em termos psicológicos, esse cenário expressa o encontro com conteúdos emocionais dolorosos que normalmente permanecem ocultos ou evitados. A criança ferida precisa lidar com o medo de não sobreviver, de não ser amada ou de não encontrar um lugar de pertencimento. Por isso, o ambiente florestal costuma ser povoado por lobos, bruxas, criaturas

ameaçadoras e desafios inesperados. Esses elementos simbolizam conflitos internos, angústias profundas e aspectos da sombra que precisam ser reconhecidos e enfrentados para que ocorra crescimento emocional.

Entretanto, a floresta não deve ser compreendida apenas como um lugar de sofrimento. Ela também representa um espaço de descoberta, desenvolvimento e ampliação da consciência. É justamente nesse ambiente que muitos personagens encontram figuras auxiliaadoras, animais protetores, objetos mágicos ou orientações capazes de impulsionar sua transformação. Em termos simbólicos, esses encontros representam recursos internos que emergem quando o indivíduo entra em contato com suas próprias capacidades de enfrentamento. A narrativa sugere que a força necessária para superar a dor não vem exclusivamente do exterior, mas encontra-se latente na própria psique e revela-se durante os momentos de crise.

Von Franz (2005) observa que a jornada pela floresta frequentemente marca o início do processo de individuação. Ao perder suas referências habituais, a criança é levada a desenvolver autonomia, discernimento e força interior. A floresta transforma-se, assim, em um espaço iniciático no qual o sofrimento adquire significado psicológico. Os desafios encontrados ao longo do percurso não possuem apenas a função de ameaçar o protagonista, mas de favorecer seu amadurecimento. Cada obstáculo superado contribui para a construção da identidade e para a ampliação da consciência sobre si mesmo.

Essa dinâmica aparece claramente em diversas narrativas clássicas. João e Maria sobrevivem ao abandono e aprendem a confiar em sua própria capacidade de agir; Branca de Neve encontra novos vínculos após a rejeição; e inúmeros personagens infantis descobrem competências que permaneciam desconhecidas até serem colocados diante da adversidade. Em todos esses casos, a floresta simboliza uma etapa intermediária entre a condição inicial de desamparo e a conquista de uma nova forma de equilíbrio emocional. O sofrimento não desaparece, mas transforma-se em experiência de aprendizado e fortalecimento psicológico.

Sob a ótica da Psicologia Analítica, a floresta representa também o mergulho nos conteúdos inconscientes que precisam ser integrados ao processo de desenvolvimento da personalidade. Jung (2014) destaca que o crescimento psicológico exige o confronto com aspectos desconhecidos da psique, incluindo medos, desejos e emoções reprimidas. A criança ferida que atravessa a floresta realiza simbolicamente esse encontro. Ao caminhar por territórios obscuros e incertos, ela aproxima-se de conteúdos que antes pareciam ameaçadores, mas que se tornam fontes de conhecimento e transformação quando reconhecidos conscientemente.

Dessa forma, a jornada da criança abandonada pela floresta simboliza a travessia do sofrimento em direção à transformação psicológica. A dor inicial converte-se em oportunidade de amadurecimento, e a experiência de perda torna-se um caminho para o fortalecimento da identidade. Os contos de fadas revelam que a vulnerabilidade não constitui um obstáculo definitivo ao desenvolvimento humano, mas pode funcionar como um ponto de partida para processos profundos de crescimento. Por essa razão, a floresta

permanece como uma das imagens mais poderosas da literatura simbólica, representando o percurso pelo qual a criança ferida transforma abandono em autonomia, sofrimento em aprendizado e fragilidade em força interior.

5 O SOFRIMENTO COMO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO

Uma das características mais marcantes dos contos de fadas é que o sofrimento jamais aparece como finalidade da narrativa. Embora os protagonistas frequentemente iniciem suas trajetórias em condições de abandono, perda, rejeição ou profunda vulnerabilidade, esses acontecimentos não representam um destino definitivo. Ao contrário, funcionam como acontecimentos desencadeadores de mudança, impulsionando processos de crescimento psicológico e transformação interior. Os contos de fadas demonstram que as experiências dolorosas fazem parte da jornada humana e podem contribuir para o desenvolvimento da personalidade quando são enfrentadas e elaboradas. Nesse sentido, o sofrimento assume uma função simbólica de passagem entre uma condição inicial de fragilidade e uma etapa posterior de amadurecimento.

As crianças abandonadas, rejeitadas ou perseguidas presentes nessas narrativas não permanecem aprisionadas ao papel de vítimas. Ao longo da história, desenvolvem recursos emocionais, enfrentam desafios e descobrem capacidades que desconheciam possuir. A experiência da perda, embora dolorosa, torna-se um elemento que favorece a autonomia, a coragem e a construção da identidade. Os obstáculos encontrados ao longo do caminho obrigam os personagens a mobilizarem forças internas que permaneciam latentes. Dessa forma, os contos de fadas sugerem que o desenvolvimento psicológico não ocorre apesar das dificuldades, mas frequentemente por meio delas.

Segundo Estés (1999), muitas narrativas tradicionais descrevem processos de restauração da criança ferida. Em suas análises, a autora destaca que os contos de fadas apresentam personagens que, após experiências traumáticas, iniciam um percurso de reencontro consigo mesmos. Ao enfrentar desafios e sobreviver às adversidades, essas figuras recuperam aspectos da personalidade que haviam sido perdidos, silenciados ou reprimidos em decorrência do sofrimento. A jornada de superação não consiste apenas em vencer inimigos externos, mas em restaurar uma ligação profunda com a própria essência. Nesse sentido, o sofrimento torna-se parte de um processo de fortalecimento psicológico e reconstrução da identidade.

Essa dinâmica pode ser observada em diversos contos clássicos, nos quais os protagonistas começam suas histórias em situações de extrema vulnerabilidade e gradualmente conquistam autonomia e reconhecimento. A criança rejeitada descobre seu valor; a órfã encontra novos vínculos; o personagem excluído aprende a reconhecer sua própria singularidade. Tais narrativas mostram que a identidade não se constrói apenas a partir das experiências positivas, mas também pelo enfrentamento das perdas e das dificuldades. O sofrimento passa a ser apresentado como uma experiência transformadora, capaz de despertar recursos internos e promover crescimento emocional.

Woodman (1995) observa que a cura emocional não ocorre pela negação da dor, mas pela capacidade de reconhecê-la e integrá-la à própria história. Muitas vezes, a tentativa de evitar ou apagar experiências traumáticas impede o desenvolvimento psicológico. Os contos de fadas apresentam uma lógica diferente: o sofrimento não é eliminado nem esquecido, mas transformado em parte da trajetória de amadurecimento dos personagens. Ao atravessar experiências difíceis, os protagonistas não retornam ao estado anterior; eles emergem modificados, mais conscientes e mais integrados. A dor deixa de ser apenas uma fonte de sofrimento para tornar-se também uma fonte de sabedoria.

Sob a perspectiva da Psicologia Analítica, esse processo aproxima-se do percurso de individuação descrito por Jung (2014). O crescimento psicológico exige o confronto com aspectos dolorosos da existência e a integração de experiências que inicialmente parecem ameaçadoras. As feridas emocionais não precisam ser negadas para que ocorra transformação; ao contrário, podem tornar-se parte fundamental do desenvolvimento da personalidade. Os contos de fadas ilustram simbolicamente esse processo ao mostrarem personagens que encontram significado em suas dificuldades e transformam fragilidade em força interior.

Outro aspecto importante dessas narrativas é a presença de figuras auxiliares que surgem após os momentos de maior sofrimento. Fadas, animais protetores, sábios ou objetos mágicos simbolizam recursos psicológicos que emergem quando o indivíduo se encontra diante de situações críticas. Essas figuras representam aspectos internos de cuidado, esperança, criatividade e resistência que ajudam a criança ferida a continuar sua jornada. A narrativa sugere que, mesmo nos momentos de maior vulnerabilidade, a psique possui potencialidades capazes de favorecer a recuperação e o crescimento.

Dessa forma, os contos de fadas apresentam uma visão profundamente transformadora da experiência humana. As perdas, o abandono e as feridas emocionais não aparecem como condenações permanentes, mas como etapas de um percurso que conduz à ampliação da consciência e ao fortalecimento da personalidade. A dor inicial converte-se em oportunidade de autoconhecimento, e o sofrimento transforma-se em um caminho para a descoberta de recursos internos anteriormente desconhecidos. Por essa razão, essas narrativas continuam sendo fontes importantes de reflexão sobre resiliência, amadurecimento emocional e desenvolvimento psicológico.

6 INDIVIDUAÇÃO E SUPERAÇÃO DA CRIANÇA FERIDA

A trajetória da criança ferida pode ser compreendida como uma representação simbólica do processo de individuação descrito por Carl Gustav Jung. Segundo Jung (2014), a individuação corresponde ao percurso por meio do qual o indivíduo integra diferentes aspectos da personalidade e desenvolve uma identidade mais plena, consciente e autêntica. Trata-se de um processo de transformação contínua que envolve o reconhecimento de conflitos, a integração de experiências emocionais e a ampliação da

consciência. Nessa perspectiva, a dor não aparece apenas como uma experiência de sofrimento, mas também como uma oportunidade de crescimento psicológico e de desenvolvimento interior.

Nos contos de fadas, a criança abandonada frequentemente inicia a narrativa em uma condição de extrema vulnerabilidade. Órfã, rejeitada ou excluída, ela encontra-se distante da proteção e da segurança necessárias para sua sobrevivência emocional. Essa condição inicial simboliza momentos da vida em que o indivíduo se vê confrontado com sentimentos de desamparo, fragilidade e insegurança. Contudo, essas histórias demonstram que a vulnerabilidade não constitui um estado permanente. Ao longo da narrativa, a criança é levada a enfrentar desafios que exigem coragem, adaptação e descoberta de recursos internos que permaneciam desconhecidos.

A jornada vivida por esses personagens reflete simbolicamente o caminho de integração da personalidade. A criança ferida precisa atravessar florestas, escapar de ameaças, resolver enigmas e superar obstáculos que representam conflitos emocionais e aspectos inconscientes da psique. Cada desafio enfrentado corresponde a uma etapa do desenvolvimento psicológico, na qual conteúdos anteriormente reprimidos ou desconhecidos são gradualmente reconhecidos e integrados à consciência. Dessa forma, a narrativa evidencia que o amadurecimento não ocorre pela eliminação do sofrimento, mas pela capacidade de atribuir significado às experiências vividas.

Jung (2014) destaca que o processo de individuação exige o encontro com aspectos difíceis da personalidade, incluindo medos, inseguranças e conteúdos pertencentes à sombra. Nos contos de fadas, esse encontro é frequentemente representado por personagens ameaçadores, situações de abandono ou experiências traumáticas. A criança ferida é obrigada a confrontar aquilo que a assusta e a desenvolver novas formas de lidar com a realidade. Ao superar essas provações, ela amplia sua consciência e fortalece sua identidade, transformando fragilidade em fonte de crescimento.

Von Franz (2005) ressalta que os protagonistas dos contos de fadas raramente recebem soluções prontas para seus problemas. Diferentemente de narrativas em que a salvação vem exclusivamente de fatores externos, os heróis e heroínas dessas histórias precisam construir seus próprios caminhos. Eles aprendem por meio da experiência, cometem erros, enfrentam fracassos e descobrem gradualmente suas capacidades. Essa dinâmica simboliza o amadurecimento psicológico, pois demonstra que o desenvolvimento humano depende da participação ativa do indivíduo em seu próprio processo de transformação.

Outro aspecto importante refere-se à descoberta de capacidades que inicialmente permanecem ocultas. Muitas vezes, a criança ferida dos contos de fadas desconhece sua força, inteligência ou valor pessoal. Somente ao ser confrontada com situações difíceis é que essas potencialidades começam a emergir. Essa característica aproxima-se da compreensão junguiana segundo a qual o indivíduo possui recursos internos que podem permanecer latentes até que determinadas circunstâncias exijam sua manifestação.

Assim, os desafios deixam de ser apenas obstáculos e passam a funcionar como oportunidades para o despertar de competências e possibilidades de desenvolvimento.

Ao longo do percurso, os personagens também costumam encontrar aliados que contribuem para sua transformação. Animais protetores, figuras sábias, fadas e personagens auxiliares podem ser interpretados como representações simbólicas de recursos psíquicos positivos que ajudam no enfrentamento das adversidades. Contudo, esses auxílios não substituem a responsabilidade do protagonista por sua própria jornada. Eles oferecem apoio, mas a transformação depende da capacidade da própria criança de enfrentar seus medos e seguir adiante. Isso reforça a ideia de que a individuação é um processo pessoal e intransferível.

Ao final da narrativa, a criança abandonada raramente retorna à condição inicial. Ela emerge transformada pelas experiências vividas, mais consciente de si mesma e mais preparada para ocupar seu lugar no mundo. A dor não desaparece da história, mas adquire um novo significado ao ser integrada à construção da identidade. Dessa forma, os contos de fadas apresentam uma visão profundamente esperançosa do desenvolvimento humano: as feridas da infância não precisam determinar o futuro do indivíduo, podendo tornar-se fontes de aprendizado, força interior e crescimento psicológico.

Sob essa perspectiva, a jornada da criança ferida representa muito mais do que uma história de superação. Ela simboliza o processo humano de transformação pelo qual experiências de abandono, perda e sofrimento são integradas à personalidade e convertidas em sabedoria emocional. Os contos de fadas revelam que a verdadeira superação não consiste em apagar as cicatrizes do passado, mas em transformá-las em parte de uma identidade mais madura, consciente e integrada. Por essa razão, essas narrativas continuam oferecendo importantes reflexões sobre resiliência, individuação e desenvolvimento da personalidade.

7 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, exploratório e interpretativo, fundamentado nos pressupostos da Psicologia Analítica e nos estudos sobre simbolismo presentes nos contos de fadas. O objetivo consistiu em analisar a manifestação do arquétipo da criança ferida nas narrativas tradicionais, investigando como experiências de perda, abandono, rejeição e exclusão são representadas simbolicamente e de que maneira contribuem para os processos de transformação psicológica e desenvolvimento da personalidade. O estudo parte da compreensão de que os contos de fadas constituem expressões simbólicas do inconsciente coletivo, revelando conflitos emocionais universais relacionados à vulnerabilidade e à superação.

A fundamentação teórica apoiou-se, inicialmente, nas contribuições de Carl Gustav Jung, especialmente nos estudos sobre arquétipos, inconsciente coletivo, desenvolvimento da personalidade e

indivíduo. A partir desses referenciais, o arquétipo da criança foi compreendido como uma imagem simbólica que expressa potencialidades de crescimento, transformação e renovação, mas que também pode manifestar-se sob a forma da criança ferida, abandonada ou rejeitada. A leitura das obras permitiu interpretar as experiências de sofrimento presentes nos contos de fadas não apenas como acontecimentos narrativos, mas como representações de processos psicológicos relacionados à formação da identidade e ao amadurecimento emocional.

Também foram incorporadas as contribuições de Bruno Bettelheim, James Hillman, Marie-Louise von Franz, Clarissa Pinkola Estés, Alice Miller e Marion Woodman, autores que discutem os significados psicológicos dos contos de fadas e das experiências emocionais da infância. Esses referenciais permitiram compreender o abandono, a perda e a rejeição como elementos simbólicos que favorecem a elaboração de conflitos internos e impulsionam processos de crescimento psíquico. As análises desses autores contribuíram para a interpretação dos contos como narrativas de transformação, nas quais a dor emocional é gradualmente integrada ao desenvolvimento da personalidade.

A análise concentrou-se especialmente em personagens infantis presentes em contos clássicos como *João e Maria*, *Branca de Neve*, *Cinderela* e *O Patinho Feio*, considerados exemplos significativos da manifestação do arquétipo da criança ferida. Foram observados elementos simbólicos recorrentes como o abandono parental, a exclusão social, a rejeição afetiva, a travessia da floresta, o encontro com figuras auxiliaadoras e os processos de superação. Esses elementos foram interpretados à luz das categorias analíticas de abandono, vulnerabilidade, sombra, sofrimento, resiliência, individuação e desenvolvimento da personalidade, buscando compreender suas relações com os processos de transformação psicológica descritos pela Psicologia Analítica.

Por fim, os dados foram analisados por meio da interpretação simbólica dos personagens, dos cenários e das experiências vividas ao longo das narrativas. A investigação procurou identificar de que maneira as experiências de sofrimento são transformadas em oportunidades de crescimento e integração psicológica. Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou compreender os contos de fadas como importantes expressões do inconsciente coletivo e como instrumentos simbólicos para a compreensão das feridas emocionais da infância, dos processos de amadurecimento e das possibilidades de superação presentes na trajetória humana.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise realizada evidencia que o arquétipo da criança ferida ocupa posição central na estrutura simbólica dos contos de fadas. As experiências de abandono, rejeição, perda e exclusão não aparecem como acontecimentos isolados ou meramente dramáticos, mas como representações universais de conflitos presentes no desenvolvimento humano. Essas narrativas demonstram que a vulnerabilidade faz parte da

condição humana e que os sentimentos de desamparo, inadequação e solidão constituem experiências compartilhadas por diferentes indivíduos ao longo da vida. Ao projetar essas vivências em personagens infantis, os contos de fadas tornam visíveis aspectos profundos da psique que muitas vezes permanecem ocultos na experiência cotidiana.

Os resultados demonstram que essas narrativas transformam o sofrimento infantil em um percurso de crescimento psicológico. A criança abandonada torna-se heroína; a rejeitada descobre seu valor; a excluída encontra pertencimento; e a órfã desenvolve autonomia e força interior. Essa dinâmica reforça a compreensão de que os contos de fadas oferecem modelos simbólicos de resiliência e superação. As dificuldades enfrentadas pelos protagonistas não conduzem à destruição da personalidade, mas funcionam como elementos que favorecem a construção de novas capacidades emocionais e cognitivas. Assim, o sofrimento não aparece como um fim em si mesmo, mas como parte de um processo de transformação.

Sob a perspectiva junguiana, essa transformação relaciona-se ao processo de individuação. As experiências de abandono obrigam os personagens a abandonar posições de dependência e a confrontar dimensões desconhecidas da própria psique. Ao atravessarem situações de perda, rejeição e insegurança, desenvolvem recursos que lhes permitem ampliar a consciência e fortalecer a identidade. Nesse sentido, a criança ferida representa uma fase inicial da jornada psicológica, marcada pela vulnerabilidade, enquanto a criança transformada simboliza a capacidade de integrar experiências dolorosas ao desenvolvimento da personalidade.

Os contos analisados também revelam que a dor emocional não é negada ou minimizada. Pelo contrário, ela ocupa papel essencial na construção da narrativa. Bettelheim (2021) destaca que essas histórias possibilitam o reconhecimento simbólico de sentimentos difíceis, como medo, abandono e tristeza. A narrativa valida a existência dessas emoções e mostra que elas fazem parte da experiência humana. Ao mesmo tempo, oferece uma perspectiva esperançosa, demonstrando que o sofrimento pode ser enfrentado e transformado. Essa combinação entre reconhecimento da dor e possibilidade de superação constitui uma das razões pelas quais os contos de fadas permanecem psicologicamente significativos.

Outro aspecto relevante observado refere-se à relação entre sofrimento e descoberta da identidade. Muitos protagonistas somente encontram seu verdadeiro valor após passarem por experiências de exclusão ou rejeição. O Patinho Feio descobre sua verdadeira natureza após um longo período de isolamento; Cinderela encontra reconhecimento depois de anos de humilhação; Branca de Neve constrói novos vínculos após ser afastada de seu ambiente original. Essas narrativas sugerem que a identidade não se desenvolve apenas por meio da proteção e do conforto, mas também por meio dos desafios que obrigam o indivíduo a reconhecer suas próprias capacidades e potencialidades.

As contribuições de Miller (2018) permitem compreender que as feridas emocionais da infância frequentemente permanecem presentes ao longo da vida adulta. Nesse sentido, os contos de fadas cumprem

uma função importante ao representar simbolicamente experiências de abandono e rejeição que podem ser difíceis de reconhecer conscientemente. Ao transformar essas vivências em histórias, as narrativas oferecem um espaço simbólico para a elaboração de emoções profundas, permitindo que o sofrimento seja compreendido e integrado à experiência pessoal. A criança ferida dos contos torna-se, assim, uma representação das partes vulneráveis da personalidade que buscam acolhimento, reconhecimento e cura.

Observa-se também um movimento constante entre vulnerabilidade e fortalecimento. Os protagonistas iniciam suas jornadas em situações de extrema fragilidade, mas gradualmente desenvolvem competências emocionais que lhes permitem enfrentar desafios cada vez maiores. Essa evolução demonstra que a força interior não surge apesar da dor, mas frequentemente a partir dela. Os contos de fadas revelam que o amadurecimento psicológico resulta da capacidade de transformar experiências difíceis em aprendizado, sabedoria e crescimento. Dessa forma, a fragilidade inicial converte-se em uma fonte de desenvolvimento e expansão da consciência.

As reflexões de Estés (1999) e Woodman (1995) reforçam essa interpretação ao destacarem que a cura emocional não depende do esquecimento do sofrimento, mas da sua integração à história pessoal. Os protagonistas dos contos não apagam suas experiências dolorosas; ao contrário, carregam consigo os aprendizados adquiridos durante a jornada. A superação ocorre porque a dor deixa de ser apenas uma experiência traumática e passa a fazer parte de uma narrativa de transformação. Nesse sentido, os contos de fadas apresentam uma concepção profundamente humanista da existência, segundo a qual as feridas emocionais podem tornar-se fontes de crescimento e fortalecimento psicológico.

Dessa forma, os resultados obtidos confirmam que o arquétipo da criança ferida desempenha papel essencial na compreensão dos processos de desenvolvimento humano presentes nos contos de fadas. Essas narrativas revelam que abandono, rejeição e perda não representam apenas experiências de sofrimento, mas etapas significativas na construção da personalidade. Ao demonstrar que a vulnerabilidade pode ser transformada em força interior, os contos de fadas continuam oferecendo importantes reflexões sobre resiliência, amadurecimento emocional, individuação e superação, permanecendo como poderosos instrumentos simbólicos para a compreensão da condição humana.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do arquétipo da criança ferida nos contos de fadas permitiu compreender que essas narrativas representam simbolicamente experiências emocionais universais relacionadas à perda, ao abandono e à busca por pertencimento. Sob a perspectiva da Psicologia Analítica, a criança ferida constitui uma imagem arquetípica que expressa tanto a fragilidade quanto o potencial de transformação presentes na condição humana.

As contribuições de Jung, Bettelheim, Hillman, Von Franz, Estés, Alice Miller e Marion Woodman evidenciam que os contos de fadas oferecem importantes recursos simbólicos para compreender os processos de desenvolvimento psicológico. Ao transformar a dor em narrativa, essas histórias permitem que experiências difíceis sejam elaboradas e integradas à construção da identidade.

Conclui-se que os contos de fadas permanecem atuais porque abordam conflitos fundamentais da existência humana. A jornada da criança ferida revela que o sofrimento não constitui necessariamente um ponto final, mas pode tornar-se o início de um percurso de crescimento, individuação e realização pessoal. Mais do que histórias sobre abandono e perda, essas narrativas falam sobre a capacidade humana de superar adversidades e reencontrar a própria totalidade.

Além disso, a análise permite compreender que o arquétipo da criança ferida não representa apenas uma experiência individual de sofrimento, mas uma dimensão universal da existência humana. Em diferentes culturas, épocas e narrativas, a figura da criança abandonada reaparece como expressão simbólica da vulnerabilidade inerente ao desenvolvimento psicológico. Essa recorrência sugere que o medo da perda, da rejeição e da exclusão constitui uma experiência compartilhada pela humanidade. Os contos de fadas transformam essas vivências em imagens acessíveis à imaginação, possibilitando que conflitos emocionais complexos sejam reconhecidos, compreendidos e elaborados. Nesse sentido, a criança ferida torna-se uma poderosa representação do processo pelo qual a fragilidade inicial pode converter-se em força, consciência e crescimento interior.

Outro aspecto relevante refere-se ao caráter profundamente esperançoso dessas narrativas. Embora os protagonistas enfrentem experiências dolorosas e, muitas vezes, aparentemente insuperáveis, os contos de fadas demonstram que a identidade humana não é determinada exclusivamente pelas feridas do passado. A jornada da criança abandonada evidencia que o sofrimento pode ser transformado em fonte de aprendizado, sensibilidade e sabedoria emocional. Ao final da trajetória, os personagens não retornam ao estado anterior, mas alcançam uma condição mais integrada e madura. Dessa forma, essas narrativas reafirmam uma das ideias centrais da Psicologia Analítica: a possibilidade de transformação presente em toda experiência humana. A criança ferida, ao encontrar seu lugar no mundo e reconciliar-se com sua própria história, simboliza a capacidade da psique de reconstruir-se, integrar suas cicatrizes e caminhar em direção à realização do Self e à plenitude da personalidade.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fadas**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FRANZ, Marie-Louise von. **O feminino nos contos de fadas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HILLMAN, James. **O código do ser: em busca da verdadeira identidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Obras Completas de C. G. Jung, v. 17).

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Coleção Obras Completas de C. G. Jung, v. 9/1).

MILLER, Alice. **O drama da criança bem-dotada: como os pais destroem a vida emocional de seus filhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

WOODMAN, Marion. **O abandono do amor: o trauma do abuso e o resgate do feminino**. São Paulo: Paulus, 1995.